

PDT tomou do chaguismo suas grandes bases

Rogério Coelho Neto

“**E**u acho que ele escolheu o lugar errado para retomar o seu espaço na cena brasileira. Aqui tem indio na praia”. Com essa declaração, dia 30 de setembro de 1979 — quando Leonel Brizola retornava ao Rio, quase um mês depois de voltar do exílio, para sentar nova praça política no país —, o deputado Miro Teixeira, hoje no PDT e à época o todo poderoso herdeiro dos votos que o governador Chagas Freitas pensava que tinha, deu a primeira alfinetada em seu atual aliado.

Político que sempre procurou olhar adiante da simples ocorrência de um determinado episódio, Miro, então um dos grandes favoritos da eleição de 1982 para o governo do Estado do Rio, sabia, com três anos de antecedência, sem conhecer ainda adversários — Sandra Cavalcanti explodiria inicialmente nas pesquisas e Moreira Franco apareceria no final com importante presença na campanha —, que Brizola era a única liderança capaz de construir uma grande taba eleitoral em cima dos redutos que os chaguistas tinham como imbatíveis.

Acerto — A um perplexo Miro Teixeira, que busca agora reocupar a seu lado velhos espaços perdidos, Brizola só fez provar, nos sete anos de disputas eleitorais em território fluminense, que estava certo ao escolher o Estado do Rio e não o do Rio Grande do Sul, para sua volta maior ao eixo da

política brasileira. Ao conquistar o Palácio Guanabara com 178 mil votos de diferença sobre Moreira Franco, que foi às urnas em 82 empalmando a legenda do PDS — Miro ficou com um distante terceiro lugar —, Brizola mostrou, ainda, que não havia errado ao apostar na fragilidade dos índios do PMDB que Chagas alinhava na praia grande para tentar barrar o seu desembarque.

Brizola ganhou a sucessão de Chagas com 34,2% dos 5 milhões 440 mil 666 eleitores que foram às urnas. Moreira, o segundo colocado, ficou com 30,6%, enquanto Miro fechou a sua votação, no terceiro lugar, com 21,5%. Sandra Cavalcanti, que chegou a desenhar um perfil de fenômeno eleitoral, um ano antes da eleição, chegou em quarto lugar, com 10,7% dos votos. Lysiane Maciel, pelo PT, terminou em último lugar, com apenas 3%.

Mina — Entre as áreas chaguistas que abateu para instalar as suas mais importantes tabas, Brizola contou, em particular, nas cinco eleições que disputou (três através de prepostos), com a fidelidade absoluta de uma: a Zona Oeste da capital. Entre os subúrbios de Campo Grande, Bangu e Santa Cruz, nesta eleição, o candidato do PDT à Presidência da República fez quase 70% dos votos, repetindo praticamente o êxito de 1982, na sua primeira disputa eleitoral em terras fluminenses.

Mas a grande mina de votos que o PDT tomou aos chaguistas, em 1982, teve um diligente explorador, na metade do mandato de Brizola: o ex-senador Marcello Alencar, nomeado em 1984 para a Prefeitura do Rio no lugar do hoje senador socialista Jamil Haddad. Marcello levou obras de impacto, no setor da infra-estrutura urbana, para a Zona Oeste do Rio, garantindo não só a eleição do senador Roberto Saturnino Braga como seu sucessor, em 1985, como a sua própria volta ao cargo, no ano passado. Em 1986, Moreira Franco, já no PMDB e à frente de uma aliança de onze

Almir Veiga — 8/10/86



Com Darcy, a única derrota no Rio

partidos, ganhou do professor Darcy Ribeiro, candidato de Brizola, por uma diferença de quase 1 milhão de votos, mas sem conseguir furar a muralha armada pelos brizolistas em torno da Zona Oeste.

Rotatividade — Embora tenha um saldo dos mais positivos a seu favor nas cinco eleições que já disputou no Rio de Janeiro — duas diretamente e três através de prepostos —, Brizola vive o drama de ser maior do que o PDT. Isso faz do partido uma legenda de grande rotatividade, na capital e nas cidades mais importantes do Grande Rio sobre as quais Brizola reina, há sete anos, com o registro de um único abalo: a vitória de Moreira sobre Darcy Ribeiro em 1986.

A primeira fornada de políticos eleitos no Estado do Rio pelo PDT, no rastro do carisma de Brizola, comportou até o visto do passaporte de deputado federal para o cacique xavante Mário Juruna. O puxador de legenda da chapa pedetista à Câmara dos Deputados foi, ainda, o cantor Agnaldo Timóteo, que levantou mais de meio milhão de votos. Ambos ficaram no primeiro e único mandato. Timóteo brigou com Brizola, foi para o PDS e perdeu o fôlego.

Em seu primeiro grande arrastão eleitoral no Estado do Rio, há sete anos, Brizola elegeu os prefeitos de São João de Meriti, Manoel Valência, e o de Nova Iguaçu, Paulo Leone, que não tinham lastro-político eleitoral nos dois importantes municípios da Baixada Fluminense. O ex-deputado Jorge Bedran, que disputou a eleição de Meriti contra Valência, assim definiu a vitória brizolista de 1982 no seu município:

“Se fosse uma revolução, eles nos teriam apanhado dormindo. Deixamos para fazer boca de urna, depois do almoço, com milhares de sanduíches e refrigerantes. Jogamos tudo fora, porque o eleitor foi votar cedo e contemplou quem era

Brizola, de cabo a rabo, no mais perfeito aproveitamento nacional do voto vinculado que prevaleceu naquele ano.”

Estruturação — Na eleição de 1986, o PDT fluminense começou a se purificar, elegendo uma bancada homogênea para a Câmara dos Deputados e uma razoável representação para a Assembleia Legislativa. Avançou, ainda, sobre o interior, distribuindo melhor, pela primeira vez nos sete anos de reinado brizolista, um peso político antes confinado à capital e às cidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Niterói e São Gonçalo.

Assim, não foi surpresa, nesta eleição, a vitória de Brizola, por exemplo, em Angra dos Reis — a única cidade do Estado do Rio com prefeito do PT —, Parati e Mangaratiba. Ou no pequeno município de Quissamã, criado recentemente. O deputado Cláudio Moacir, líder da bancada do PDT na Assembleia Legislativa, acha que faltou ao partido, no nível nacional, o mesmo equilíbrio que ele conseguiu no Estado do Rio e no Rio Grande do Sul, compondo-se por igual nos centros urbanos e nas pequenas comunidades rurais.

De maneira elegante, influentes líderes do PDT salientam, em cima das primeiras avaliações da derrota para o PT de Luís Inácio Lula da Silva, que o grande erro político de Brizola foi o de considerar possível passar o seu grande projeto nacional de ser presidente da República por dentro de um partido nitidamente cartorial na maioria dos estados do país, sem expressão nos grandes colégios eleitorais de São Paulo e Minas e sem vida própria no Nordeste. Uma situação que lhe deixa, enfim, para um difícil recomeço, a alternativa de ser candidato a governador, no ano que vem, do Rio de Janeiro ou do Rio Grande do Sul, mas sem resolver o problema do emparedamento que lhe foi fatal, este ano, apesar das grandes votações que gaúchos e fluminenses lhe tributaram.